

Maria Madalena:

paradigma da missão das mulheres na Igreja

*Mary Magdalene:
Paradigm of the women's mission in the church*

Elda Cassia de Lima *

* Doutoranda em Ciências da
Religião (Pontifícia Universi-
dade Católica de Goiás),
Mestra em História (Universi-
dade Federal de Goiás).
cassiaelda@yahoo.com.br

Recebido em: 14/07/2020

Aprovado em: 10/06/2021

Licença *Creative Commons*
CC BY 4.0



Resumo

No ano de 2016 o cardeal Robert Sarah, prefeito da Congregação para o culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos no Vaticano, emitiu um decreto no qual, segundo a vontade do Papa Francisco, estabeleceu-se que a memória litúrgica da santa Maria Madalena fosse elevada a Festa. A celebração festiva da personagem como santa, é mais uma etapa de um longo processo, no qual sua imagem foi constantemente resignificada. Partindo do século I (momento no qual é inserida nas narrativas dos Evangelhos) percebemos que estereótipos distintos serviram para descrevê-la e defini-la. Era moldada conforme a conveniência. Sendo assim, o decreto do Vaticano, emitido vinte séculos depois do primeiro registro da personagem, instiga nossa reflexão. Faz-nos pensar sobre a perenidade e relevância da presença da personagem no imaginário eclesial. A partir da análise desse documento, algumas questões podem ser fomentadas: Como a personagem foi caracterizada durante esse longo percurso? Qual o significado e importância desse decreto no século XXI? Por que essa personagem continua sendo considerada como paradigma? A admissão de Madalena como modelo de conduta para mulheres, aponta para quais mudanças, suscita quais expectativas?

Palavras-chave: Maria Madalena. Paradigma. Testemunha. Mulheres.

Abstract

In 2016 Cardinal Robert Sarah, prefect of the Congregation for Divine Worship and the Discipline of the Sacraments in the Vatican, issued a decree in which, according to Pope Francisco will, it was established that the liturgical memory of Saint Mary Magdalene was elevated to liturgical feast. The festive celebration of the person as a saint, is another stage in a long process, in which her image has been constantly reframed. Starting from the 1st century (when she is inserted in the narratives of the Gospels), we realize that different stereotypes served to describe and define her. She was shaped according to convenience. Therefore, the Vatican decree, issued twenty centuries after the character's first registration, instigates our

reflection. It makes us think about the continuity, and relevance of the character's presence in the ecclesiastical imaginary. From the analysis of this document, some questions can be raised: How the character was characterized during this long journey? What is the meaning and importance of this decree in the 21st century? Why is this character still considered a paradigm? The admission of Magdalene as a model of conduct for women, points to which changes, raises which expectations?

Keywords: Mary Magdalene. Paradigm. Witness. Women.

1 Introdução

Vinte e um séculos se passaram, desde que o nome de Maria Madalena foi incluído na narrativa dos evangelhos. A partir de então, tem suscitado inúmeras interpretações e teorias. Apesar de priorizarem a vida pública de Jesus, as narrativas evangélicas só poderiam ser tecidas de forma relacional, relatando um entrecruzamento de vidas, trazendo à tona pessoas dantes invisibilizadas, mas que, a partir de então, seriam resgatadas e identificadas também pela escrita. Surge assim a alternativa de (re) construir memórias, ações e vozes de quem estava à margem da sociedade e, consequentemente da história, pessoas identificadas, até então, pelo silêncio e conformidade.

Colaboram para essa percepção e valoração de quem estava nas “entrelinhas”, os métodos histórico-crítico e sociológico pelo modelo conflitual, que contemplam os dantes ignorados. “Com base na (des) construção, é possível criar um processo de (re) construção histórica dos papéis e relações sociais que estão por traz dos relatos e das narrativas” (FERREIRA, 2009, p. 52).

A história do povo bíblico é escrita a partir de uma visão patriarcal¹, que privilegia o masculino e atribui às mulheres papéis secundários ou tende a ignorá-las. “Toda vida pública com suas discussões e assuntos, em tempos de paz ou de guerra, era feita para homens” (JEREMIAS, 1983, p. 475). Todavia, apesar da linguagem androcêntrica, é possível, adotando os métodos bíblicos, perceber uma ‘outra história’.

As lacunas deixadas pelas fontes evangélicas deram margem a especulações diversas, nas quais hipóteses são levantadas a respeito de quem realmente foi Maria Madalena. Questiona-se sua origem, relevância e efetiva participação no ministério de Jesus. E ainda, o que aconteceu com ela após a ascensão do Ressuscitado.

Essas questões atravessaram séculos, e cada período histórico engendrou construções e distorções envolvendo a personagem. Foi um longo período, no qual a imagem de Madalena transitou entre dois extremos: de prostituta a santa. No percurso, entretanto, foram concebidas outras roupagens: pecadora, penitente, testemunha, discípula, amante, apóstola.

A complexidade da personagem reside no fato de que, as diferentes roupagens listadas acima, foram usadas para caracterizar uma mulher sintetizada. À Madalena, propriamente nominada nos evangelhos (Lc 8,1-3; 24,10; Mc 15,40; 16,1; Mt 27,55-56; 28,1; Jo 19,25; 20, 1-18), são incorporadas outras mulheres.

Especificamente duas personagens são subsumidas na imagem de Madalena: a primeira é a pecadora anônima, que unge os pés de Jesus, por ocasião do jantar na casa

¹ Richter Reimer (2006) informa que esse sistema não era exclusivo dessa cultura, mas estava presente em todas as sociedades do Mediterrâneo, tendo no Estado sua ferramenta mais eficaz de legitimação e imposição.

de Simão (Lc 7, 36-50), a segunda, Maria, irmã de Marta e Lázaro. O resultado dessa operação sintética, é uma personagem multifacetada, um tipo de mosaico, que possibilita distintas abordagens.

O amálgama de outras personagens na imagem de Madalena, representou a ampliação das possibilidades de construções imagéticas. Ou seja, cada época ou instituição, direcionava seu foco na faceta que mais lhe parecia interessante, ou conveniente. Assim, Madalena era moldada conforme o contexto histórico. Nesse sentido, não pode mais ser considerada apenas uma personagem, tornou-se um símbolo.

Diversos motivos contribuíram para essa identificação equivocada. Ao rotular Madalena como pecadora da cidade, sua imagem difamada, serviria para propósitos mais amplos. Suposições poderiam ser elaboradas sobre esse passado pecaminoso. Nesse quesito, a imaginação patriarcalista dos intérpretes teria grande liberdade.

Dessa maneira, a concepção de Madalena como primeira testemunha da ressurreição, apesar de inquestionável, mistura-se, confunde-se com outras imagens, gerando uma memória no mínimo difusa e obscurecida a respeito de sua personalidade e importância.

Portanto, se até 2016 celebrava-se um memorial em homenagem a Santa Maria Madalena, o mesmo não foi construído imagetivamente de forma pacífica e uniforme. Assemelha-se mais à figura de um mosaico composto de peças recortadas difíceis de se encaixarem.

2 O Decreto: De memória a Festa

O decreto, emitido pelo Vaticano (CONGREGAÇÃO..., 2016), assinala um momento importante na história de Maria Madalena, em que se reconhece, principalmente, seu papel como primeira testemunha e evangelista da ressurreição. Optamos por transcrever abaixo o documento na íntegra.

Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos Decreto

A Igreja, tanto no Ocidente como no Oriente, reservou sempre a máxima reverência a Santa Maria Madalena, primeira testemunha e evangelista da ressurreição do Senhor, celebrando-a, contudo, de modos diversos.

Na nossa época, dado que a Igreja é chamada a refletir de forma mais profunda sobre a dignidade da mulher, a nova evangelização e a grandeza do mistério da misericórdia divina, pareceu oportuno também que o exemplo de Santa Maria Madalena fosse mais convenientemente proposto aos fiéis. Com efeito, esta mulher, conhecida como aquela que amou Cristo e foi também muito amada por Cristo, chamada por São Gregório Magno “testemunha da misericórdia divina” e por São Tomás de Aquino “apóstola dos apóstolos”, hoje pode ser vista pelos fiéis como paradigma da missão das mulheres na Igreja.

Por conseguinte, o Sumo Pontífice Francisco estabeleceu que doravante a celebração de Santa Maria Madalena deve ser inscrita no Calendário Romano Geral com o grau de festa, e não já de memória, como é de hoje. O novo grau celebrativo não comporta variação alguma para o dia no qual realizar a própria celebração, nem para os textos do Missal e da Liturgia das Horas que devem ser adotadas, ou seja:

- a) o dia dedicado à celebração de Santa Maria Madalena permanece o mesmo, como já aparece no Calendário Romano, isto é, 22 de julho;
- b) os textos que devem ser usados nas Missas e no Ofício Divino permanecem os mesmos contidos no Missal e na Liturgia das Horas no dia indicado, com o acréscimo no Missal do prefácio próprio, anexo a este decreto. A conferência dos Bispos ocupar-se-á da tradução do texto do prefácio na língua vernácula, de tal modo que, com a prévia aprovação da Sé Apostólica, possa ser usado e a seu tempo inserido na próxima reedição do próprio Missal Romano.

Onde Santa Maria Madalena, segundo o direito particular, é legitimamente celebrada num dia e com um grau diferente, também no futuro será celebrada no mesmo dia e com o mesmo grau.

Não obstante qualquer disposição contrária.

Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos 3 de junho de 2016, solenidade do Sagrado Coração de Jesus.

Robert Card. Sarah
Prefeito

Arthur Roche
Arcebispo Secetário

3 Primeira testemunha e evangelista da ressurreição do Senhor

O termo testemunha descreve bem a atuação de Madalena junto a Jesus. Testemunhou não apenas a ressurreição, mas todos os momentos ministeriais do seu mestre amado, desde a Galileia. O momento da cura de Madalena, relatada por Lucas representa o início de sua jornada ao lado de Jesus:

Depois disso, ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. E os Doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que o serviam com seus bens (Lc 8,1-3).

Não sabemos o que, ou quem teve de deixar, que tipo de vida levava ou qual sua posição socioeconômica. Porém, graças a essa lista, as mulheres podem ser diferenciadas dos seguidores do tipo ocasional, já que denota uma continuidade no servir, são companheiras na caminhada ministerial desde o início. Nesse contexto, Madalena já começa a ganhar proeminência em relação às outras mulheres, aliás, isso será recorrente.

A lista e a informação lucana são fundamentais, para compreendermos a participação ativa das mulheres na estruturação do ministério de Jesus. Desde a Galileia já marcavam presença, ou seja, haviam caminhado um longo percurso até chegarem à cruz. O calvário não representava, portanto, o ponto de partida, mas sim, uma etapa na peregrinação ministerial dessas mulheres.

Se há a percepção, a partir de Lucas, que as mulheres estão no início do ministério de Jesus, o mesmo não acontece no decorrer desse ministério. Não há nenhuma referência às mulheres discípulas, no íterim compreendido entre a Galileia e a cruz. As mesmas só voltam a ser lembradas no momento da crucificação, e ainda assim, segundo Sebastiani (1995), isso só ocorre por necessidade. Ou seja, os escritores não

podem recorrer ao testemunho dos onze, pois os mesmos não estavam presentes, haviam fugido. Dessa forma, inevitavelmente, operou-se a referência às mulheres e ao seu testemunho.

A violência do evento e o risco que o mesmo evocava, não foram suficientes para afugentar as mulheres. Permaneceram como fieis testemunhas, seguindo os passos, agora ensanguentados, daquele que haviam decidido servir desde a Galileia. Segundo Johnson (2016, p. 21) “as mulheres são um ponto móvel de intersecção de toda narrativa da Paixão”.

A fuga não as atraiu de forma irresistível. Tornaram-se assim, testemunhas oculares indispensáveis para reconstrução narrativa desse momento, enquanto os discípulos fugiram e se esconderam, as mulheres e o discípulo amado permaneceram. Terão de ser ouvidas, as suas palavras finalmente ecoarão, apesar de, “em Israel não serem habilitadas a testemunhar” (SEBASTIANI, 1995, p. 23).

O papel de testemunha de Madalena pode ser constatado nas cenas da crucificação, sepultamento e ressurreição. Apesar de os narradores discordarem quanto aos detalhes, Madalena aparece como fator unificador, figura repetida, “o único elemento que une as três narrações discordantes dos sinóticos – e estas narrações com aquela muito diferente do quarto Evangelho” (SEBASTIANI, 1955, p. 25).

Quadro 1: Presença das mulheres da crucificação à ressurreição.

	Marcos	Mateus	Lucas	João
Testemunhas da crucificação	<i>Maria de Magdala</i> , Maria, mãe de Tiago o menor e de José, a mãe dos filhos de Zebedeu.	<i>Maria de Magdala</i> , Maria, mãe de Tiago e de José, a mãe dos filhos de Zebedeu.	As mulheres que vieram com ele da Galileia.	sua mãe, Maria de Cléofas, <i>Maria de Magdala</i> e o discípulo amado.
Testemunhas do sepultamento	<i>Maria de Magdala</i> e Maria de Tiago e José.	<i>Maria de Magdala</i> e a "outra Maria".	As mulheres que vieram com ele da Galileia.	são nomeados só José de Arimatéia e Nicodemos
Quem vai ao sepulcro	<i>Maria de Magdala</i> e Maria de Tiago e José.	<i>Maria de Magdala</i> e a "outra Maria".	<i>Maria de Magdala</i> , Jôana e Maria mãe de Tiago.	<i>Maria de Magdala</i> sozinha
Aparição do ressuscitado	Não menciona a aparição. Relata que as mulheres fogem com medo e pavor e não dizem nada a ninguém.	As mulheres encontram-no quando começam a voltar, o adoram e são comissionadas por Cristo.	Não menciona a aparição. Mas relata que as mulheres levam a mensagem aos Onze e a todos os outros, porém não acreditam.	<i>Maria de Magdala</i> dialoga com Cristo, recebe uma missão e leva o anúncio.

Percebemos assim, que os textos evangélicos corroboram para construção do papel das mulheres como testemunhas, dentre as quais Madalena se destaca, de forma unânime. Testemunham tanto os momentos primevos, como também os momentos finais do ministério terreno do Messias. Sua presença nas cenas da crucificação, sepultamento e ressurreição, não é apenas notada, mas imprescindível para que haja o conhecimento dos detalhes constitutivos dos eventos, possibilitando a narrativa dos mesmos. Madalena estava lá, assistiu a tudo e depois compartilhou com os irmãos que haviam fugido.

Esteves (1994) afirma que, em relação ao discípulo amado é dito que “viu e creu” (Jo 20,18), sendo testemunha do acontecimento da ressurreição, porém quanto à Madalena, pode ser considerada testemunha do ressuscitado. Por isso, pode anunciá-lo e encorajar a comunidade que estava de portas fechadas por medo.

Dessa forma, o reconhecimento de que Madalena foi, não apenas a primeira testemunha, mas também a primeira evangelista da ressurreição, é de grande relevância. Pois, o que Madalena ouviu do ressuscitado não reteve para si, mas fez ressoar, primeiramente entre os discípulos, depois na comunidade. De seguidora da missão e testemunha da morte, tornou-se mensageira da boa-nova.

Depreende-se então, que o apostolado de Madalena é legítimo, já que foi a primeira a ver, dialogar e ser comissionada pelo Cristo ressuscitado. Além disso, foi portadora de um anúncio vital, a partir do qual seria desfeita a dispersão na qual se encontravam os discípulos. A importância da missão evidencia que essa mulher estava pronta, e era habilitada para proclamar o Evangelho da Páscoa. Johnson (2016) considera Madalena tanto uma discípula (alguém que segue), como uma apóstola (chamada e enviada).

O que impediria então a aceitação das mulheres como apóstolas? Justamente isso, o fato de serem mulheres. Essa designação sequer foi cogitada pelos contemporâneos das primeiras seguidoras e testemunhas de Jesus. Na prática serviam, seguiam, porém, isso não lhes garantia um reconhecimento ‘eclesiástico’.

4 Testemunha, mas pecadora

Para construção da Madalena discípula, testemunha, seguidora e comissionada pelo Cristo ressuscitado, é suficiente recorrer a menções explícitas do seu nome nos textos evangélicos. Porém esses perfis não resumem sua trajetória. Houve, e ainda há, um intrincado e complexo processo de sobreposição de imagens, com doses de inventividade e imaginação (super interpretação), que operam o entrelaçamento de personagens distintas em uma só, fazendo de Madalena uma “figura de síntese” (SEBASTIANI, 1995, p. 29).

Nesse processo, a personagem é reinventada, absorvendo, no mínimo, outras duas mulheres:

- a) Pecadora anônima: um dos textos mais usados para fabricar a confusão que identifica Madalena com a ‘pecadora arrependida’, consiste na narrativa feita por Lucas (7,36-38), a respeito de um jantar para o qual Jesus é convidado. No evento, Jesus, o anfitrião e os outros convidados são surpreendidos por uma mulher, descrita como “pecadora da cidade”. A mesma chora copiosamente, e lava os pés de Jesus com uma mistura composta por lágrimas e perfume, enxugando-os com os próprios cabelos e cobrindo-os de beijos. Esse texto de Lucas antecede a aparição de Madalena, que ocorre no capítulo oito. Esse foi, provavelmente, um dos fatores que influenciou a tradição da confusão. Porém os contextos não coincidem, referem-se a momentos distintos. A pecadora do capítulo sete é anônima, e nada indica que seja Madalena;
- b) Maria de Betânia: Marcos (14,3-9), Mateus (26,6-13) e João (12,1-8) nararam um jantar em Betânia, e mais uma vez uma mulher rouba a cena. Dessa vez não é identificada como pecadora. Marcos e Mateus mantêm-na no

anonimato, mas João a nomeia como sendo Maria, irmã de Marta e Lázaro. Essa mulher, posteriormente, também será absorvida no compêndio Madalena. A tradição popular encobriu as características pessoais de Madalena por duas vezes: “confundindo-a primeiramente com uma prostituta, e em seguida com a mais pura Maria de Betânia. Enquanto isso, porém, Maria Madalena chegou de fato em Jerusalém, na sequência do Senhor Jesus, para viver com ele e seus discípulos” (RAVASI, 2016, p. 29);

A literatura posterior aos evangelhos (apócrifos², escritos de ficção, estudos históricos, homilias e tradição popular) que se dedicou a Maria Madalena, compreendeu e disseminou sua imagem como sendo sintetizada, reunindo as supostas características dessas três personagens (Madalena “propriamente dita”, pecadora anônima e Maria de Betânia).

Segundo Carvalho (2009), o fato de ter anunciado a vitória sobre a morte mediante a declaração que viu e falou com Jesus ressuscitado, fez com que seu nome ficasse inseparavelmente ligado ao momento crucial do cristianismo. Se, por um lado, o diálogo entre Madalena e o ressuscitado, narrado no evangelho de João, a inseriu de forma inquestionável na economia da salvação, por outro lado, o relato lucano (Lc 7,36-50) sobre sua “libertação”, antecedido do relato da pecadora anônima, abriu um leque de especulações que incluiu todo e qualquer pecado, sobretudo os relacionados ao sexo.

A concepção de Madalena como grande pecadora, fundamentada no histórico da “pecadora anônima”, funcionará como fio condutor de toda trajetória da personagem. As várias vozes que ressoarão a partir do século II reafirmaram e reforçaram essa faceta. Fabricaram um verdadeiro mosaico, interpretando os textos sagrados, buscavam bases que sustentassem as teorias de ofuscamento do papel e importância dessa mulher.

Segundo essa interpretação, Madalena seria super agraciada devido à superabundância de pecados que repousavam sobre ela, dominando seu corpo, mente e alma, antes do encontro com Jesus. Soma-se ainda a esse compêndio pecaminoso, a culpa da mulher no pecado original, repassado para todas as fêmeas, inclusive, obviamente, Madalena. Dessa maneira, sua proeminência nos evangelhos ganharia uma conotação negativa, já que seria consequência de uma vida pregressa de pecados abundantes.

A intenção dessa operação tem matizes claramente patriarcalistas. Pretende-se reduzir a importância de Madalena na cena da ressurreição, considerando-a indigna da missão outorgada pelo próprio Messias. Ao fundir a imagem de outras mulheres à de Madalena, reduz-se ou questiona-se a legitimidade de seu apostolado através da multiplicação de elementos depreciativos. O resultado dessa operação não é lógico, mas uma reprodução e estratificação da maneira de pensar patriarcal, processo no qual, a feminina Madalena será convertida em mito.

5 Considerações Finais

Algo de positivo a ser ressaltado no decreto emitido pelo Vaticano, é o reconhecimento de Madalena como “primeira testemunha e evangelista da ressurreição do

² Um exemplo da literatura apócrifa consiste no chamado “Evangelho de Maria”, um texto gnóstico, escrito originalmente em grego. Segundo De Tommaso (2006), nessa obra apócrifa Maria Madalena é entendida como portadora da gnose, e por isso detém uma autoridade inquestionável sobre os demais apóstolos.

Senhor”. Porém, o documento sugere que no âmbito religioso (católico), Madalena foi sempre reverenciada, devido ao seu papel de primeira testemunha e evangelista da ressurreição. No entanto, sabemos que o meio eclesiástico nem sempre se mostrou receptivo ou flexível, no que tange ao reconhecimento da importância dessa mulher na aurora do cristianismo.

Sua existência, obviamente, jamais foi ignorada, sua presença nos momentos fundantes da nova religião não poderia ser negada. Mas, quanto a sua contribuição e efetiva participação, foi alvo de reducionismo por parte dos intérpretes eclesiásticos, partícipes de uma sociedade patriarcal.

Acentuou-se os pecados, ao mesmo tempo que se reforçou a necessidade e poder da conversão. Essa operação foi feita a partir da difamação do passado de Madalena. Deturpando sua imagem diminuía sua legitimidade.

As distorções operadas na construção da Madalena, serviram como base para continuidade de uma prática de enquadramento das mulheres em funções de menos destaque, confinando-as aos bastidores e afastando-as de funções representativas ou de liderança.

Esse projeto com matizes ideológicas opõe-se claramente ao projeto inclusivo de Jesus. Nos últimos tempos, a contradição entre esses dois modos de enxergar e viver o Reino tem sido percebida e questionada de forma mais ampla. A discrepância tem sido evidenciada e provocado reações.

O decreto emitido pelo Vaticano surge justamente num contexto em que, a figura de Madalena parece adquirir novos significados e despertar aspirações distintas, tornando-se símbolo. Ganha força um movimento de repensar o feminino. O próprio decreto propõe-se a “refletir de forma mais profunda sobre a dignidade da mulher”. Nesse processo, Madalena é eleita como parâmetro, afirma-se que a “apóstola dos apóstolos” pode ser vista hoje pelos fiéis como “paradigma da missão das mulheres na Igreja”.

Tem-se assim, a retirada da Santa Maria Madalena do rol dos “santos comuns”, elevando-a liturgicamente, considerando-a, portanto, digna não apenas de ser lembrada, mas de ser festejada. A importância dessa “alteração”, segundo Johnson (2016), é que, enquanto a maioria das celebrações litúrgicas de santas e santos, tomados individualmente durante o ano, são formalmente conhecidas como memoriais, aquelas classificadas como festas são reservadas para santos e santas de importância particular. Tais como a Bem-Aventurada Virgem Maria e os Doze Apóstolos, “ao elevar o status do dia de Maria Madalena para a condição de uma festa importante, o Papa Francisco está salientando a relevância dessa mulher, cujo papel como testemunha primordial da ressurreição é insubstituível” (JOHNSON, 2019, p. 22). Colocá-la nesse nível, seria, portanto, uma forma de reconhecimento de seu *status* apostólico, vendo-a como figura fundamental na história da salvação.

A expectativa é de que esse documento represente alterações não apenas no campo simbólico, mas que se efetive na prática, em todos os âmbitos que reconhecem Jesus como modelo de existência. Madalena ainda não encerrou sua missão, ela continua falando.

Em todo caso, esse evento é sintomático de um interesse perene a respeito da figura Madalena, e que, nos últimos tempos parece ter ganhado um novo fôlego. Várias releituras estão sendo empreendidas, e, a importância dessa mulher, no contexto do ministério de Jesus, tem despertado cada vez mais a atenção daqueles que buscam resgatar o sentido igualitário do Reino apregoado e vivenciado pelo Messias.

A revista IHU *on line* (Instituto Humanitas Unisinos), por exemplo, publicou uma edição especial com o tema “Maria de Magdala, apóstola dos apóstolos”, na qual reúne diversos autores³ que abordam a personagem e sua importância, tomando-a como parâmetro para se (re)pensar, não só os primórdios do cristianismo, como também a sociedade contemporânea. É unânime entre os entrevistados, a assertiva de que é impossível contar a história da ressurreição sem falar também de Madalena.

Esse movimento é apenas mais uma evidência, de que Madalena é discípula e apóstola, seguidora e anunciadora. Fabricar ou distorcer teorias a seu respeito, independentemente dos motivos, não foi suficiente para apagar sua história. Ela ainda fala!

Referências

BÍBLIA: *Bíblia King James Atualizada*. São Paulo: Abba Press Editora, 2012.

CARVALHO, Maria de Fátima Moreira de. *As representações de Maria Madalena na perspectiva bíblica e contemporânea*. João Pessoa: UFPB, 2009.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Decreto*. 3 jun. 2016. Disponível em http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20160610_sanctae-m-magdalенаe-decretum_po.html. Acesso em: 25 set. 2019.

DE TOMMASO, Wilma S. Maria Madalena nos textos apócrifos e nas seitas gnósticas. *Revista Último Andar*, São Paulo, n. 14, p. 79-94, jun. 2006.

³ Edição n. 489, de 18/07/2016. Participam da edição *Elizabeth Johnson*, professora de Teologia na Fordham University, EUA, as teólogas italianas, *Lilia Sebastiani* e *Antonietta Potente*, *Wilma Steagall De Tommaso*, professora no Museu de Arte Sacra de São Paulo – MAS-SP, *Salma Ferraz*, professora da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, *Ivoni Richter Reimer*, professora dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Mestrado em História Cultural na Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás, *Wanda Deifelt*, coordenadora do departamento de Religião da Luther College, EUA, *Chris Schenk*, diretora-executiva da Future Church, organização norte-americana de renovação da Igreja que tem trabalhado para restaurar a consciência sobre a Santa Maria de Magdala como a primeira testemunha da ressurreição e uma respeitada líder da Igreja primitiva, *Lucetta Scaraffia*, jornalista, historiadora e professora da Universidade La Sapienza de Roma, *Marcela Zapata-Meza*, arqueóloga da Universidade Anáhuac do México e *Katherine L. Jansen*, professora do Departamento de História da Universidade Católica da América, em Washington.

Também debatem o tema de capa os teólogos *Carlos Molari*, teólogo italiano, *Johan Konings*, professor titular de teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Faje, *Thomas Stegman*, professor de Novo Testamento na Boston College e *Régis Burnet* doutor em Ciências Religiosas pela École Pratique des Hautes Études, Paris. Os artigos de *Gianfranco Ravasi*, cardeal, presidente do Conselho Pontifício para a Cultura, Pontifícia Comissão de Arqueologia Sacra e do Conselho de Coordenação das Academias Pontifícias e de *Elisabeth Schüssler Fiorenza*, teóloga e biblista feminista, complementam a discussão sobre Maria de Magdala, contribuem no aprofundamento da visão sobre a grande ‘apóstola dos apóstolos’.

ESTEVEES, Elisa. A mulher na tradição do discípulo amado. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA)*, Petrópolis, n. 17, p. 65-74, fev. 1994.

FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do novo testamento*. Goiânia: Editora da PUC Goiás, Ed. América, 2009.

JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

JOHNSON, Elizabeth. As faces femininas de um cristianismo sem véu. *IHU on-line*, São Leopoldo, 18 jul. 2016. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/489>. Acesso em: 28 nov. 2019. Entrevista concedida a João Vitor Santos.

RAVASI, Gianfranco. ‘Diga-nos, Maria Madalena, o que viste no caminho?’. *IHU on-line*, São Leopoldo, 18 jul. 2016. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/489>. Acesso em: 24 set. 2019.

RICHTER REIMER, Ivoni. Patriarcado e economia política: o jeito romano de organizar a casa. In: _____ (Org.). *Economia no Mundo Bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006. p. 72-97.

SEBASTIANI, Lilia. *Maria Madalena*. Petrópolis: Vozes, 1995.